



Hilda Anna Krioch

E A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO E
DA PAISAGEM CULTURAL EM JOINVILLE



Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA





QUEM FOI
HILDA ANNA KRISCH

HILDA ANNA KRISCH

Faleceu aos 95 anos sob cuidados
no Hospital Dona Helena



6 DE MARÇO
DE 1900,
EM JOINVILLE



24 DE JUNHO
DE 1995,
EM JOINVILLE

Hilda Anna Krisch





Hilda, aos 10 anos, junto da mãe Marie e das irmãs, Ema e Else



**Recebendo a visita do
sobrinho neto Eduardo
Stender e sua família,
em 1992**



**Casa de Hilda Anna Krisch,
projeto assinado pelo arquiteto
Paul Helmuth Keller, em 1955**



**Casamento da irmã Else Clara com Otto
Friedrich Stender, em 1916, em Joinville**

Hilda Anna Krisch



Filha do casal João Krisch, de descendência austríaca (nascido no Brasil em 1891 - seus antepassados chegaram ao Brasil em 1863), e Marie Muller, imigrante alemã, tinha duas irmãs mais velhas, Ema e Else.

Hilda nasceu e cresceu em um ambiente sob forte influência das inovações do início do século 20, período de mudanças tecnológicas, políticas e sociais decorrentes de conquistas como a lâmpada, o automóvel e o telefone, do final do século anterior.

A filha mais nova do casal João e Marie via o pai, possuidor de conhecimentos rudimentares de medicina, dar assistência médica em emergências na área rural do município.

Assim, após seus primeiros estudos na Deutsche Schule (Escola Alemã) e ensino complementar na Escola Conselheiro Mafra, foi estagiar na Casa de Saúde Dona Helena.

Lá, foi incentivada pelo médico Norberto Bachmann a aprofundar seus estudos. Seguiu então para São Paulo e fez o curso de enfermagem oferecido pelo Hospital Samaritano (1927-1930) e, em seguida, especialização na Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro. Seu desempenho foi reconhecida pela Fundação Rockefeller, que lhe ofereceu uma bolsa de estudos nos EUA onde estudou por vários anos.

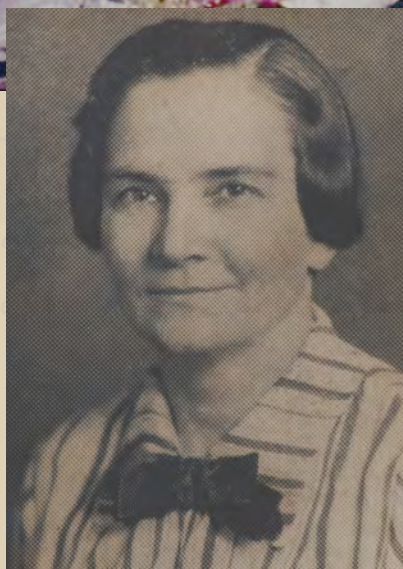
De volta ao Brasil, presidiu a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED), de 1938 a 1941. Encerrado seu mandato na entidade, ajudou a organizar o Hospital das Clínicas de São Paulo junto com Edith Magalhães e Odair Pedroso.

Hilda Anna Krisch





Uma das últimas imagens de Hilda Anna Krisch, em 7 de março de 1995, na celebração dos seus 90 anos



Hilda, aos 38 anos, em foto para o International House Yearbook, na Fundação Rockefeller, em Nova York



Em 1936, ao receber o prêmio "Dama da Lâmpada"

Hilda Anna Krisch



Trabalhou como assistente da subdivisão de enfermagem e mais tarde foi designada chefe dessa divisão, organizando as enfermeiras, participando da compra de materiais e equipamentos, contratou e treinou o pessoal.

Uma das primeiras enfermeiras catarinenses a se filiar na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN), voltou a atuar em Santa Catarina e participou da implantação da Escola de Auxiliares de Enfermagem Madre Benvenuta (1959). Dez anos depois a escola foi elevada ao nível superior de enfermagem na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. Neste período, voltou aos EUA, desta vez pela Organização Mundial da Saúde. Em cinco meses estagiou em Baltimore, Rochester, Santa Fé (Novo México) e Atlanta (Georgia).

Ao concluir essa nova fase de estudos no exterior que durou cinco anos, em 1955 Hilda volta definitivamente para o Brasil e se instala na sua cidade natal. Nessa época, contratou um arquiteto para projetar e construir sua casa em Joinville, situada na rua Lages.

Com a aposentadoria do trabalho como enfermeira, inicia a atividade como “ativista” do Patrimônio Cultural de Joinville. Durante 30 anos interessou-se por esta nova atividade com o mesmo entusiasmo que dedicou à enfermagem.

Em 24 de junho de 1995, ocorre o seu falecimento em sua cidade natal, Joinville. Em seu funeral o prefeito à época, Luiz Henrique da Silveira afirmou: “Joinville se apequena sem a presença de Dona Hilda”



fratello do Sr. ...
Membro de França e foi inscrito de ...
os seus nomes de Napoleão Bonaparte,
de ill e de Hele p. França, Sassa p.
... e Prussia



Com as amigas do Ingweklub,
em frente a sua casa

...
... 1851 e a
... e chamam ...
... 1952 ...
...
...
Hilda Anna Kriech



Interesse pela história

Muito interessada nas histórias e lendas da região, Hilda pesquisou durante 70 anos a ruína dos jesuítas e a escada do Monte Crista, chegando à conclusão de que se tratava meramente um depósito de mercadorias vindas de São Francisco do Sul e, de lá, levadas por burros até o alto do monte pela escada feita pelos tropeiros.

Além disso, Hilda fez um trabalho sobre a Rua das Palmeiras, inúmeros outros sobre o Cemitério do Imigrante e o Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville. Ao falecer, em 1995, preparava uma segunda edição sobre as casas enxaimel.

Em sua casa, na rua Lages, mantinha verdadeiras raridades, como 15 edições do jornal "Neue Kolonie-Zeitung", de Joinville (editado em São Francisco do Sul), datadas de dezembro de 1885 a junho de 1886. Também uma encadernação do jornal "Reform", de janeiro de 1889 a fevereiro de 1890.

Para ela, o segredo de tanta vitalidade era ter entusiasmo pela vida.



“Dona Hilda e os demais integrantes da comissão especial do Museu Nacional, formavam um pequeno grupo a quem a cidade deve o que ainda existe de memória cultural em Joinville.”

MOACIR THOMAZI,

empresário e ex-presidente da Fundação Cultural de Joinville





**Festecendo seu aniversário
com os amigos do Ingweklub**



“Hilda Anna Krisch participou ativamente das atividades culturais da cidade. Deixou um legado imenso na construção do patrimônio histórico cultural de Joinville, além de ter exercido grande influência na evolução dos serviços de enfermagem. Uma mulher que esteve à frente de seu tempo, merecedora da gratidão e do respeito de todos os joinvilenses.”



Com a amiga Edith Wetzel



**Reunião da Comissão no Museu
com o prefeito Luiz Gomes**

**APOLINÁRIO
TERNES,**
historiador

Hilda Anna Krisch



Em 1975, por meio de decreto do prefeito Ivo Campos, integrou a Comissão Especial que discutiu, e conseguiu aprovar lei na Câmara de Vereadores, a lei que isentou do IPTU os imóveis em enxaimel e definiu critérios para preservação desses imóveis.

Sua busca pela preservação lhe fez integrante da Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural do Município, vinculada à Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo criada pela lei 1.514 de 27/05/1977, que resultou na elaboração da Lei de Tombamento Municipal de Joinville (lei 1.773 de 18/12/1980) assinada pelo prefeito Luiz Henrique da Silveira.

Também fruto do trabalho de dona Hilda, surge as bases para a criação da Fundação Cultural de Joinville, criada pela Lei nº 1.863, de 23.04.82, assinada pelo prefeito em exercício Violantino A. Rodrigues. Na sequência, em 1983, integra o Conselho Municipal de Cultura nomeada pelo prefeito Wittich Freitag.

Ao lado de Osvaldo Rieper, Pastor Remy Hofftaetter, Padre Bertino Weber, Ivo Koehntopp, Lilli Freitag e Apolinário Ternes, foi membro da Comissão de Manutenção e Conservação do Cemitério dos Imigrantes, instituída em 30 de novembro de 1989 pelo então presidente da Fundação Cultural de Joinville, Moacir Gervásio Thomazi.



“Dona Hilda fez parte de um momento único na história de Joinville: o projeto da Colônia Dona Francisca acabara de fazer um século e seu sucesso já era inquestionável. Um grupo especial de joinvilenses foi além de celebrar os feitos dos pioneiros e dos colonizadores em geral. Eles aprofundaram os conteúdos históricos, recuperaram documentos, valorizaram seu patrimônio cultural, criaram toda uma base de elementos simbólicos, tornando palpável, para todas as futuras gerações, os fundamentos que ilustram a história singular de Joinville e da sua gente.”

DALMO VIEIRA FILHO,

arquiteto, ex-diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)





Recebendo o título de cidadã benemérita da Câmara de Vereadores de Joinville



CÂMARA DE VEREADORES DE JOINVILLE
ESTRADA DE SANTA CATARINA
CASA PISTAL, 238 - CEP 88000

CONVITE

A Câmara de Vereadores de Joinville, tem a honra de convidar V. Exa. e distinta Família para a sessão solene alusiva a passagem da SENHORA DE JOINVILLE, a realizar-se no dia 5 de Março vindouro às 18 horas.

Na oportunidade, desejando um maior brilhantismo ao evento, será também assegurado à enfermeira e filantropa Sra. Rilda Anna Kriech, o título de "Cidadã Benemérita de Joinville", pelos relevantes serviços prestados à comunidade.

A sessão solene terá por local a sede da Câmara de Vereadores de Joinville, sito à rua 9 de Março, 117, 3º andar, Edifício Beac.

Pelo comparecimento, antecipamos ao Sr. nossos agradecimentos.

Joinville, 20 de Fevereiro de 1980

Filadelfo  Presidente

Ilmo. Sr.
Edith Wetzel
Rua Lagoa, 865
HESTA



Dona Hilda (em pé) e Elly Herkenhoff no Arquivo Histórico



“Tive o privilégio e a alegria de conhecer a enfermeira Hilda Anna Krisch, um nome que fica carinhosamente guardado em meu coração pela grandeza de seus feitos e pela extrema dedicação que sempre demonstrou para com as pessoas e os valores culturais de Joinville. Uma mulher realmente muito à frente de seu tempo, cuja trajetória nos orgulha e desafia todos os dias, seja pela grandiosidade do ser humano que foi, seja por seu talento e vocação profissional, mas sobretudo pela força e vigor de quem vivenciou e enfrentou um tempo ainda mais desafiador para o ser e o viver feminino. Convivi muito com ela nos últimos anos em que atuei na direção da Fundação Cultural de Joinville. Hilda Krisch teve uma participação muito relevante ao integrar os nossos mutirões culturais nos bairros – em que abordava a história e a importância de nossos valores culturais, ilustrando com a história do museu da imigração e da rua das Palmeiras, por exemplo. Um nome não apenas consolidado na história de Joinville mas, principalmente, uma cidadã plenamente integrada à nossa essência – especialmente graças a sua veia inovadora e laboriosa.

ALBERTINA TUMA,
produtora cultural

Hilda Anna Krisch



Interesse pela história

Muito interessada nas histórias e lendas da região, Hilda pesquisou durante 70 anos a ruína dos jesuítas e a escada do Monte Crista, chegando à conclusão de que se tratava meramente um depósito de mercadorias vindas de São Francisco do Sul e, de lá, levadas por burros até o alto do monte pela escada feita pelos tropeiros.

Além disso, Hilda fez um trabalho sobre a Rua das Palmeiras, inúmeros outros sobre o Cemitério do Imigrante e o Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville. Ao falecer, em 1995, preparava uma segunda edição sobre as casas enxaimel.

Em sua casa, na rua Lages, mantinha verdadeiras raridades, como 15 edições do jornal "Neue Kolonie-Zeitung", de Joinville (editado em São Francisco do Sul), datadas de dezembro de 1885 a junho de 1886. Também uma encadernação do jornal "Reform", de janeiro de 1889 a fevereiro de 1890.

Para ela, o segredo de tanta vitalidade era ter entusiasmo pela vida.



“O pastor Dauner, em 1963, afirmou: “Um cemitério é sempre um pedaço de terra santa e, por conseguinte, devemos pisá-lo com respeito. Faz-nos lembrar do passado e dos bens espirituais que herdamos dos nossos ancestrais.” Em 1966, com intuito de honrar com dignidade a memória daqueles cujos restos mortais ali descansam para a eternidade, Hilda iniciou uma grande campanha para revitalizar e restaurar o Cemitério [do Imigrante].”

REGINA COLIN,
historiadora



ANotícia

Joinville sem dona Hilda

Luiz Henrique da Silveira

Ela era Joinville (ou melhor de Joinville). Líder, personalidade forte, Hilda Anna Krisch era, sem nenhum favor, chamada de “Locomotiva”. Não sei se era Joinville que incorporava seu caráter ou se era ela quem o incorporava.

Lí, certa vez, de Georges Rodenbach, a seguinte sentença: “As cidades, sobretudo, têm, assim, sua personalidade, um espírito autônomo, um caráter quase exteriorizado que corresponde à alegria, ao amor novo, à renúncia, à viuvez. Toda a cidade é um estado de alma e basta demorar-se nela um pouco para que esse estado de alma se comunique, se nos propague num fluido que se inocula e se incorpora com a mudança do ar”.

Ao longo de sua existência mais que centenária, Joinville foi delineando esses traços, essas peculiaridades, essas marcas que a fazem especial. Décadas a fio, a historiadora Krisch foi, ao mesmo tempo, registrando esse processo de formação psicossocial de Joinville, e incorporando-lhe a força da própria personalidade.

Foi uma longa vida de paixão. Tudo o que ela fazia tinha esse sentimento, que é a mais criativa das sensações humanas. Parece que ela se fez enfermeira, e, mais tarde, literata, ouvindo a lição de Unamuno: “Procura viver em constante vertigem apaixonada. Somente os apaixonados levam a cabo obras verdadeiramente duradouras e fecundas”.

O Museu do Imigrante, a Casa da Cultura, o Arquivo Histórico, a defesa de nossos mananciais (quando não se falava em ecologia), a Sinfônica da Lyra (que eu jamais admitirei chamar de finada) — tudo isso teve, ao longo dos anos e das décadas, sua mão forte e seu coração apaixonado.

Prefeito de Joinville, certa vez, a recebi furiosa. O Cemitério dos Imigrantes estava mal conservado. Mandei fazer restauração completa e inclui uma homenagem aos

imigrantes durante as comemorações do aniversário da cidade. Foi quando pude sentir mais forte sua paixão. Normalmente pouco expansiva em seus sentimentos, Hilda expunha-se integralmente feliz naquele dia, lembrando-nos, da velha canção “So ein Tag”.

Senti duas vezes tristeza, quando soube de sua morte. A primeira, por perdê-la. A segunda, por não tê-lo sabido a tempo de poder dizer-lhes estas coisas à beira do túmulo. A paixão de dona Hilda era a paixão dos imigrantes, cuja memória ela tanto cultuava. Sim, Joinville foi feita com paixão. Eram homens e mulheres vindos, com suas crianças, de um mundo civilizado. Alguns, como os Trinks, os Lepper, os Döhler, saíram da Saxônia e foram até Hamburgo de trem, para de lá embarcarem. Viviam numa Europa desenvolvida e vieram para a mata virgem enfrentar malária, calor sufocante, animais peçonhentos e ferozes. Foi a paixão de criar um mundo novo, mais justo, livre de dogmas e preconceitos, que os trouxe até Joinville. A vida de Hilda Krisch rememorava, permanentemente, essa odisséia.

O amor e a paixão estão associados, como o liame mais forte, em nossa ascendência. A seguidora de Ana Nery tinha, como ninguém, consciência disso.

Ainda não sei em que circunstâncias morreu, mas não tenho dúvida de que se tivesse falado ao expirar, certamente diria: — Amem Joinville, com a mesma paixão dos casais que se uniram a esta terra bravia!

Joinville se apequena sem a presença de dona Hilda. Mas, quem sabe, sua morte nos devolva a paixão pela cidade que ela tanto amou e que a fez universal.

Luiz Henrique da Silveira, deputado federal, presidente nacional do PMDB



“Joinville se apequena sem a presença de dona Hilda. Mas, quem sabe, a sua morte nos devolva a paixão pela cidade que ela tanto amou e que a fez universal.”

LUIZ HENRIQUE DA SILVEIRA,

ex-prefeito, ex-governador e ex-Senador da República, por ocasião do seu funeral

Hilda Anna Krisch



Espaço para a memória

O Arquivo Histórico de Joinville, criado pela lei 1.182, de 20/03/1972, pelo prefeito Harald Karmann.

Com uma riqueza de detalhamento do que deveria ser alvo da guarda, no ver de dona Hilda e seus colegas de Comissão, o Arquivo Histórico Municipal de Joinville foi pensado para se transformar em um centro de pesquisas históricas para a região Norte-Nordeste de SC, cumprindo desta forma o "desideratum", que inspirou o "Compromisso de Brasília", quando recomenda que "o culto do passado é elemento básico para a formação da consciência nacional" e ainda aponta o interesse de se "transmitir às novas gerações e consciências o interesse do ambiente histórico-cultural".



“A criação do Troféu Hilda Anna Krisch é um reconhecimento ao imenso legado que dona Hilda deixou para Joinville e, infelizmente, nós percebemos que não tinha o devido reconhecimento.”

NORMA KRICHELDORF,

presidente da
Sociedade Cultural
Alemã de Joinville

Hilda Anna Krisch



Art. 1º Fica criado o "Arquivo Histórico Municipal de Joinville".

Art. 2º O "Arquivo Histórico Municipal de Joinville" funcionará, em caráter provisório, em sala anexa à Biblioteca Pública Municipal "Rolf Colin" e sob a mesma direção, até que lhe destine sede e prédio próprios, mais amplo e à prova de fogo e de umidade.

Também fruto do trabalho de dona Hilda, surge as bases para a criação da **Fundação Cultural de Joinville**, criada pela **Lei nº 1.863, de 23/04/1982**, por Violantino A. Rodrigues, prefeito em exercício. Mais tarde, a entidade foi reformulada e hoje está extinta.



“ Art. 1º Fica o Executivo Municipal autorizado a instituir uma Fundação de Cultura e Arte denominada Fundação Cultural de Joinville, sem fins lucrativos, com as finalidades principais de:

- a)** Incentivar, difundir, promover a prática e o desenvolvimento da atividade cultural e artística;
- b)** Conservar, administrar e zelar pelo patrimônio cultural e artístico do Município de Joinville;
- c)** Administrar, organizar, enriquecer o patrimônio dos seguintes órgãos:
 - Museu Arqueológico do Sambaqui;
 - Museu de Arte de Joinville;
 - Casa Fritz Alt;
 - Casa da Cultura;
 - Arquivo Histórico de Joinville;
 - Teatro Municipal de Joinville;
 - Cemitério dos Imigrantes;
 - Outras instituições que vierem a ser criadas.
- h)** Instituir e regulamentar o tombamento artístico, cultural, histórico e paisagístico no Município de Joinville.”



O Prefeito Municipal de Joinville, no uso de suas atribuições,
FAZ SABER a todos os habitantes desta Município que a Câmara de Vereadores aprovou e se sancionou a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Executivo Municipal autorizado a instituir uma Fundação de cultura e arte, denominada FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE, com as seguintes finalidades de:

- incentivar, difundir, promover a prática e o desenvolvimento de atividades culturais e artísticas;
- conservar, administrar e zelar pelo patrimônio cultural e artístico do Município de Joinville;
- administrar, organizar, desenvolver o patrimônio dos seguintes órgãos: - Museu Nacional de Imagem e Som; - Museu Arqueológico do Estado; - Museu de Arte de Joinville; - Casa Fritz Alt; - Casa da Cultura; - Arquivo Histórico de Joinville; - Teatro Municipal de Joinville; - outras instituições que visem a educação;
- manter escolas de arte e de música e promover cursos nos diversos ramos de arte e de cultura, em todas as áreas;
- promover o patrocínio pessoal;
- receber e conservar coisas de valor;
- instituir e regulamentar o tombamento artístico, cultural, histórico e paisagístico no Município de Joinville.

Art. 2º - A Fundação Cultural de Joinville terá personalidade própria, autonomia administrativa e financeira, não distribuirá lucros aos seus membros e não propiciará qualquer outra forma de participação em seus rendimentos.

Art. 3º - A Fundação Cultural de Joinville terá atuação em todo território desta Município, sendo nesta cidade a sua sede por estatuto próprio aprovado por decreto do Poder Executivo Municipal, respeitadas as disposições da presente Lei, devendo ser inscrita no Ofício Público das Pessoas Jurídicas desta Câmara.

Art.
Comissão dos Juntas
das Filas da B. G. S.
Lançamento e registro da Junta?

Projeto de lei, que cria a Fundação Cultural, com anotações de dona Hilda

RESENDA DO C. D. D.

Deputado Presidente

Em sessão de 20, desta data, e que se reporta à solicitação que a mesma propôs a esse (grupos) Casa, no sentido administrativo da Prefeitura Municipal de Joinville, considerando, entre outras, as alterações fundamentais na atual Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo.

Assim, tendo em vista as razões ali propostas, fazemos a seguinte proposta de Lei, a qual, após a aprovação da Câmara Municipal de Joinville, será encaminhada ao Poder Executivo para a sua execução.

O artigo 1º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 2º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 3º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 4º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 5º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 6º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 7º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 8º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 9º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 10º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 11º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 12º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 13º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 14º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 15º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 16º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

O artigo 17º do projeto de Lei, que trata da criação da Fundação Cultural de Joinville, não contém nenhuma alteração, sendo a mesma aprovada, em sua redação original.

Decreto que institui Comissão do Patrimônio

Lei da isenção do IPTU para construções enxaimel

Mensagem do Executivo para o presidente da Câmara de Vereadores sobre a Fundação Cultural

Hilda Anna Kriech

Museu Nacional de Imigração e Colonização

Em 1957, por intermédio da lei no 3.188, de 02/07/1957, sancionada pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek, o Palácio dos Príncipes (tombado desde 1939 pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional) deu lugar ao Museu Nacional de Imigração e Colonização.

A ideia da criação do Museu data de 1949, quando o deputado federal catarinense, Max Tavares do Amaral, apresentou na Câmara dos Deputados um projeto de lei sobre o tema. Este projeto ficou esquecido até 1953.

O deputado federal Dr. Plácido Olímpio de Oliveira, foi enfático ao defender a realização do Museu no Sul do país, visto que todo dia perdiam-se objetos e documentos referentes a imigração e colonização. O presidente da República, em 2 de julho de 1957, cria oficialmente o Museu Nacional de Imigração e Colonização em Joinville.



“Tive o privilégio de trabalhar com dona Hilda Krisch no Projeto Memória de Joinville. Sou extremamente grata a esta mulher visionária que entendia como ninguém a importância do registro da história e seus personagens peculiares. Com ela aprendi que se hoje podemos observar nosso horizonte é porque estamos nos ombros dos nossos antepassados.”

MARIA ANDREIS CADORIN,

engenheira agrônoma e
ex-vereadora



Em julho de 1961, por iniciativa do prefeito Helmut Fallgatter, foi instituída uma comissão integrada por voluntários responsável por angariar objetos, documentos, fotografias, bem como providenciar a reforma do prédio para o efetivo funcionamento do tão aclamado Museu.

Estavam à frente da primeira comissão Carlos F. A. Schneider, Dr. Kurt Rogenberger, Hilda Anna Krisch, Helga Schmidt, Edith Wetzels, Nani Keller e Host Wippel.

Com apoio de empresas, foi recuperada parte da mobília original de 1874, uma sala de jantar confeccionada em carvalho e uma sala de visitas confeccionada em jacarandá. Ao completar 50 anos de fundação, em 2007, o Museu dispunha de acervo estimado em cinco mil peças distribuídas em 13 coleções.



Quando criança, algumas vezes visitei a casa de dona Hilda. A biblioteca dela tinha um perfume, uma energia... Era um ambiente que nos transportava para aquele universo que ela tanto conhecia. A essência da alma joinvilense estava caracterizada nesta mulher. “

EDSON BUSCH MACHADO,

ex-presidente da Fundação Catarinense de Cultura de SC e presidente do Instituto Internacional Juarez Machado



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE

DECRETO N. 659/57

O Dr. JOÃO COLIN, Prefeito Municipal de Joinville, no uso de suas atribuições, e autorizado pela Lei nº 422 de 28 de Maio de 1956,

DECRETA

Artigo 1 - Fica aberto por conta do provável excesso de arrecadação do corrente exercício, o Crédito Especial da importância de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) destinados a atender despesas com a aquisição de um terreno sito a rua Rio Branco, nesta cidade, com área de 3.105,25 m2, edificado com um prédio, denominado "Palácio dos Príncipes", de Propriedade do Domínio Dona Francisca.

Artigo 2 - O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogados as disposições em contrário.

Joinville, 5 de Junho de 1957

Dr. João Colin
Prefeito Municipal

Registrado e publicado nesta Diretoria do Expediente

Joinville, 5 de Junho de 1957

Dr. Aymoré Palhares
Diretor do Expediente

Decreto 659/1957, assinado por João Colin, da compra o Palácio dos Príncipes

Hilda Anna Kriech



Lei nº 3.188 de 2 de julho de 1957

3

Cria o Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville, Estado de Santa Catarina, e de outras providências.

O Presidente da República -

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - É criada na cidade de Joinville, Estado de Santa Catarina, o Museu Nacional de Imigração e Colonização, para recolhimento de todos os objetos que recordam a imigração no sul do país e também dos documentos e publicações atinentes a mesmo.

Art. 2º - O Ministério da Educação e Cultura criará ali as seções necessárias à conservação e exposição daqueles objetos e a elaboração e divulgação de estudos sociológicos, históricos, etnográficos e etnológicos com base no material recolhido.

Art. 3º - Para instalação do Museu Nacional de Imigração, fica o Governo Federal autorizado a adquirir o edifício existente naquela cidade, pertencente aos herdeiros do Príncipe de Joinville, conhecido por Palácio dos Príncipes.

Art. 4º - Ao Ministro da Educação e Cultura caberá expedir o regulamento pelo qual se regerá o Museu Nacional de Imigração e tomar as providências legais para a organização do quadro de funcionários do mesmo Museu.

Art. 5º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Dão de Janeiro, em 2 de julho de 1957; 136º da Independência e 89º da República.

Juscelino Kubitschek

Olívio Salgado

O Museu aberto ao público em

28-Dez. 1961

1ª Comissão: Carlos Fickel

3-4-1961 Jovianela Duche, N. K. Keller

Bernhard Adolph Schmidt

Det. Pals, Sr. Rosenburg

Hilge Schmidt, B. F. Schneider

Hilda Krusch

Lei que criou o Museu Nacional assinada
pelo presidente Juscelino Kubitschek

Hilda Anna Krusch



SERÁ PROXIMAMENTE ASSINADO CONVÊNIO SOBRE O MUSEU NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

EM SUA ESTADA NO RIO O PREFEITO H. FALLGATTER TRATOU DO ASSUNTO NO
MIN. DA EDUCAÇÃO - OBJETOS DE MAIOR INTERESSE PARA FORMAÇÃO DO ACERVO

Durante sua recente estada no Rio de Janeiro o prefeito Heirait Fallgatter esteve no Ministério da Educação, realizando gestões em torno da organização do Museu Nacional de Imigração e Colonização, que será próximamente instalado no Palácio dos Príncipes. Devido a achar-se ausente, em Brasília, o ministro Brígido Tinoco, o convênio provisório entre a Prefeitura e o Ministério ficou para ser assinado oportunamente. No entanto, encontra-se já em pleno trabalho a comissão autorizada pelo diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dr. Rodrigo M. F. de Andrade, S.S. forneceu ao Prefeito H. Fallgatter uma relação que de preferência devem ser coletados para formação do acervo do Museu, relação que transcrevemos abaixo para orientação dos que desejem colaborar com doações para o Museu:

- 1 — Meios de transportes: carroças, carros, etc.
- 2 — Instrumentos de trabalho: machados, foices, alfanques, picaretas, etc.
- 3 — Instrumentos de indústrias caseiras: tearos, rocas, moendas de cana de açúcar e de mandioca, fábricas de charutos, etc.

- 4 — Mobiliário primitivo autêntico.
- 5 — Objetos de culto: católico e protestante.
- 6 — Vestimentas e adornos.
- 7 — Objetos de uso caseiro: vasilhames, panelas, bacias, louças, etc.
- 8 — Objetos diversos: bengalas, cachimbos, canecas de cerveja, relógios, quadros, etc.
- 9 — Artes populares: rendas, tecidos, mantas, trabalhos em couro, metal, barro e madeira etc.
- 10 — Casa original, típica, autêntica, para fazer-se uma maquete.
- 11 — Outros elementos que possam interessar ao museu: livros, gravuras, jornais antigos, documentos fotográficos, etc. etc. etc.
- 12 — Armas: brancas e de fogo.
- 13 — Aparelhos de iluminação: lâmpadas, lampiões, lamparinas, castiçais, etc.

NOTA: Qualquer outra informação concernente ao assunto pôde ser obtida no Domínio Dona Francisca, com o sr. Jaroslau Pesch.

Recorte de jornal de 16 de maio de 1961

“A valorização e preservação cultural prescinde de pessoas que não apenas reconhecem seu valor, mas também estejam dispostas a atuar ativamente para a sua perpetuação. Hilda Krisch falava e agia em prol da preservação da memória joinvilense, em um tempo em que políticas nesse sentido eram praticamente inexistentes. Mulher forte e visionária contribuiu de forma efetiva para que hoje estejamos aqui, não apenas conhecendo sua história, mas também daqueles que vieram antes de nós. Que possamos, através de seu exemplo, permanecer valorizando, preservando e contando essa história.”

SIMONE HARGER,

arquiteta urbanista e produtora cultural, ex-diretora de patrimônio cultural da Fundação Catarinense de Cultura, sócia da Ornato Arquitetura e da Cultiva Criativa Produção Cultural





Comissão do Museu Nacional aguardando a visita de Luci Geisel: dona Hilda (da esq. para a dir.), Helga Schmidt e Carlos Schneider, Maria Cláudia Schmidt (de branco), Edith Wetzol



Sala de jantar, em carvalho português



Visita de Luci Geisel ao Museu (de branco), Marisa Lobo Campos e dona Hilda Krisch



“A distância de Joinville foi o que motivou seu trabalho de preservação. Ela retorna com uma visão cosmopolita, a visão dos que olharam o mundo, entenderam o mundo. Ela chegou aqui e viu a necessidade da preservação do nosso patrimônio. Se observarmos tudo o que dona Hilda fez, é muito difícil de entender porque o nome dela não é uma referência comum na história de Joinville.”

CARLOS ADAUTO VIRMOND VIEIRA,

ex-presidente da Fundação Cultural de Joinville e presidente de honra da Sociedade Cultural Alemã de Joinville



Sala de visitas, em jacarandá da Bahia

Hilda Anna Krisch >>>

Comissão do Museu

Quando o Museu Nacional de Imigração e Colonização completou 25 anos, em documento datado de 05 de maio de 1986, assinado por Carlos F. A. Schneider e Hilda A. Krisch, consta o seguinte relato:

“A atual comissão do Museu Nacional é composta por:

- Presidente Carlos F. A. Schneider - desde 1968
- Dr. Kurt Rogenberger - desde 1961
- Hilda Anna Krigch - desde 1961
- Helga Schmidt - desde 1961
- Edith Wetzel - desde 1962
- Nani Keller - desde 1968
- Host Wippel - desde 1968

A Comissão trabalha voluntariamente, honorariamente, sem regimento interno ou qualquer outra regulamentação. Consciente de não serem museólogos ou técnicos em museologia, em suas viagens particulares os membros da Comissão, tanto no Brasil como também nas Américas e até à China, sempre visitam os Museus.

Numa visita ao Museu Imperial em Petrópolis, fomos recebidos pelo diretor do Museu que nos deu explicações detalhadas e acompanhou-nos nos setores que nos interessaram, especialmente o arquivo.

Numa viagem a Manaus, estive a bordo também a Dra. Raquel de Queiroz, que se prontificou tomar medidas para podermos visitar o Museu Emílio Goeldi, em Belém.

A Comissão só lamenta que com toda sua boa vontade só teve apoio municipal. Todos os prefeitos, seja o partido que for, sempre colaboraram.

Queremos ainda mencionar que, quando o Museu foi aberto, em 1961, não tinha funcionários e os membros da Comissão, juntamente com pessoas da comunidade, fizeram plantão que incluía até a limpeza do Museu. Vimos muitos cidadãos joinvilenses com balde e pano limpando o seu Museu.

JOINVILLE, 05 DE MAIO DE 1986

Carlos P. A. Schneider Hilda A. Krisch

Hilda Anna Krisch



Casa enxaimel do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville

Em 1961, Hilda Anna Krisch fez parte da primeira comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville.

Uma das lutas liderada por ela foi a relocação da casa enxaimel, situada no terreno do então 13º Batalhão de Caçadores (hoje, 62º Batalhão de Infantaria) para a área do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville.

Na justificativa, dona Hilda carrega na emoção:

Conservar a autenticidade do mobiliário e utensílios trazidos pelos imigrantes ou por eles aqui feitos. A construção de uma casa enxaimel junto ao Museu Nacional de Imigração e Colonização será um símbolo para as futuras gerações e estimulará o turismo.”



“O maior resultado do trabalho de dona Hilda foi o acerto. Num período onde não se tinha consolidado determinados conceitos do patrimônio histórico e a ideia de preservação estava centrada nos monumentos, dona Hilda identificou nas casas de enxaimel uma autêntica referência da zona de imigração. Graças ao seu trabalho, as modestas casas enxaimel foram preservadas e hoje são referência de nossa herança cultural.”

**MARCEL
VIRMOND VIEIRA,**

arquiteto, urbanista,
Secretário de Pesquisa e
Planejamento Urbano
(Sepur) da Prefeitura de
Joinville

Hilda Anna Krisch





Casa enxaimel localizada nos jardins do Museu Nacional de Imigração e Colonização



Dona Hilda resgata a tradição da festa da cumieira na relocação da casa enxaimel, da rua Valgas Neves, para os jardins do Museu Nacional

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

BR 3502/96 Rio de Janeiro, RJ,
23 de outubro de 1996

Do Diretor-Geral do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Ao Presidente da Câmara de Vereadores

Assunto: autorização, concedida.

Senhor Presidente:

Tenho satisfação de acusar o recebimento do Ofício de V. Exa., nº 23976, de 11 de agosto do ano em curso, solicitando a esta Grãfia federal autorização para a reconstrução de uma casa de enxaimel nos fundos do Parque do Museu Nacional de Imigração e Colonização, semelhante solicitação já nos havia sido formulada pelo Senhor Prefeito Municipal de Jolville e pela Comissão do IPHAN através do seu Presidente Senhor Carlos Schneider.

Examinadas as circunstâncias à luz da Informação nº 226, de 11.10.2, da meu Antecessor Ilustre Tobiaso Nunes, assina em 05 via versa, esta Instituição concede a autorização solicitada. Recomenda-se, pois, que a matéria em apreço seja discutida em seus detalhes, pelos especialistas da Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal de Jolville e o Chefe Substituto do 8 Distrito do IPHAN, Arquiteto Américo Nobello, antes do início da referida reconstrução cuja supervisão deverá ficar a cargo do mencionado representante deste Instituto.

Fica também estabelecido que o custeio da obra correrá à conta dos recursos da Prefeitura dessa cidade.

Em anexo, apresenta a oportunidade para apresentar a V. Exa. os projetos de minha alta consideração.

Respeito, Sinto
Diretor-Geral

Do Com. Senhor
Dr. Arnaldo Teodoro Lopes
Presidente da Câmara de Vereadores
Jolville - SC, 10/10/96

Ats. seg. 22

Autorização do IPHAN para realocação do imóvel

Hilda Anna Krioch



**Manuscrito de
Hilda Krisch
detalha a
cronologia da
reconstrução
da casa**



Hilda Anna Krisch

RUA LAZAR, 62
VOTORO - SC

+ no an foi construído um rend
tipo ou x oul por alijet as
das das primitivas e estruturas
+ em 1970 por por a ideia de conselhe
- e de em dele por as cas,
de oxaiel e em m as
fundo do murei.
24/11/76
~~40/11/77~~ - ~~inicial e a~~ a I PHA
para a constr de casa
e 19? inajored e case, que
eti mobilhad e mobili e alijet
tspas, antedicos do 1º colonijede



**Ambientação interna da casa
enxaimel no Museu**



**Comissão do Museu Nacional em 1984
(da esquerda para a direita): Carlos F .A.
Schneider, Hilda Anna Krisch, Nany
Keller, Edith Wetzel, Helga Schmidt,
Horst Wippel e Dr. Kurt Rosenberger**

Hilda Anna Krisch



A cronologia do processo:

1970: A ideia de preservação das casas no estilo enxaimel surgiu e foi discutida em uma das reuniões da Comissão Municipal do Museu Nacional de Imigração e Colonização, formada por Carlos F. A. Schneider, Hilda Anna Krisch, Edith Wetzels, Helga Schmidt, Nanni Keller, Kurt Rosenberg e Horst Wippel.

“As casas enxaimel são documentos vivos da nossa colonização e devem ser preservadas para a posteridade, surgindo daí a ideia de se construir uma nos fundos do pátio do Museu e de se fotografar as existentes para formar um álbum.” Isso deu origem ao futuro Inventário do Patrimônio Histórico de Joinville - IPCJ). Se inicia aí a busca por uma edificação que pudesse ser relocada. Foram consultados os construtores Zeh, Baggenstoss e Keller.

Depois de visitas a várias construções, decidiu-se pela que estava localizada na rua General Valgas Neves, construída em 1910 por Bruno Martin, casado com Anna Storckmann, posteriormente vendida, em 1918, para Max Sell que, por sua vez, a vendeu para o 13º Batalhão de Caçadores. Em seguida foi encaminhado ao IPHAN o pedido para autorização da construção no pátio do Museu por ser área em entorno de bem tombado.

Enquanto isso, o ex-governador Ivo Silveira, solidário à iniciativa do Museu, foi o primeiro a liberar verbas para o empreendimento, com uma quantia de Cr\$ 15 mil que, colocado em caderneta de poupança, rendeu Cr\$ 200 mil.



19 de outubro de 1976: Publicada autorização do IPHAN para relocação do imóvel.

24 de novembro de 1976: Carlos Schneider, Alcides Buss, Dagoberto Köentopp (na ocasião, Secretário de Planejamento de Joinville) e Hilda Krisch decidiram que a casa seria reconstruída pela firma "Köentopp & Cia." Dagoberto Köentopp elaborou a planta e fez o acompanhamento da obra.

18 de novembro de 1977: Na reconstrução, muita madeira precisou ser substituída e a doação coube a Carlos Schneider, que providenciou peças de canela-preta. A casa doada pelo 13º Batalhão de Caçadores, originalmente, não possuía varanda. Mas, em análise das construções semelhantes, decidiu-se acrescentar uma na frente, tornando-a mais acolhedora. Parte da mobília foi composta por objetos doados e, outras, adquiridas sempre mantendo a originalidade.

19 de janeiro de 1979: Festa da Cumieira em comemoração ao levantamento da estrutura de madeira, com a presença do prefeito Luiz Henrique da Silveira e do comandante do 13º Batalhão, Tenente-Coronel Otto Diniz Porto Gomes, doador da casa, e demais integrantes da Comissão.



“Em março de 1962, adquirimos a propriedade que já estava na família de minha esposa, e passamos a residir ali. Tínhamos consciência de que estávamos vivendo numa propriedade de valor histórico. No início dos anos 1980, fomos procurados pelo senhor Telmo Paul que nos informou que havia um movimento encabeçado pela dona Hilda para que a Prefeitura adquirisse a casa e nela fosse instalada uma unidade cultural. Assim, em dezembro de 1983 o prefeito Wittich Freitag adquire a casa para o município. Para mim é uma alegria dar alguma contribuição para esse trabalho de resgate do legado de dona Hilda.”

HILÁRIO WOLFGRAMM,
economista, empresário,
último morador da hoje
Casa da Memória





100 x 100, 100 x 100, 100 x 100
 Hilda Anna Kriech
 100 x 100, 100 x 100, 100 x 100

FESTA DA CUMIEIRA

CASA ENXAIMEL, AGOSTO DE 1984

D. Hilda resgata a tradição da festa da cumieira na relocação da casa enxaimel, da rua Valgas Neves, para os jardins do Museu Nacional. É tradição na região de colonização europeia a realização de uma festa quando do início da colocação do telhado de uma casa. A festa consiste na colocação de uma coroa decorativa no topo do telhado, daí a denominação “cumieira”, e a confraternização em torno de uma mesa de café com cucas e salgados. Nas construções que utilizam a técnica do enxaimel, uma estrutura autoportante, esta etapa é bastante visível pois toda a estrutura da futura casa está amontada. Voltando no tempo, imagine a satisfação de um imigrante ao ver sua casa nesse estágio. Você deve lembrar que não havia indústrias de beneficiamento de madeira, nem tão pouco grandes fábricas de tijolos e telhas. Tudo era feito de forma artesanal pelos próprios imigrantes em pequenas serrarias manuais e olarias. A festa da cumieira de fato marcava a conquista da moradia.



“Reconhecer a contribuição de Hilda Anna Krisch para a preservação da memória e do patrimônio de nossa cidade é um dever de Joinville que ainda não havia sido cumprido. Seu legado, que antes vivia apenas nos seus feitos, agora será justamente difundido para que seu exemplo inspire a todos para cuidarmos do que forma a nossa identidade.”

GUILHERME GASZENFERTH,

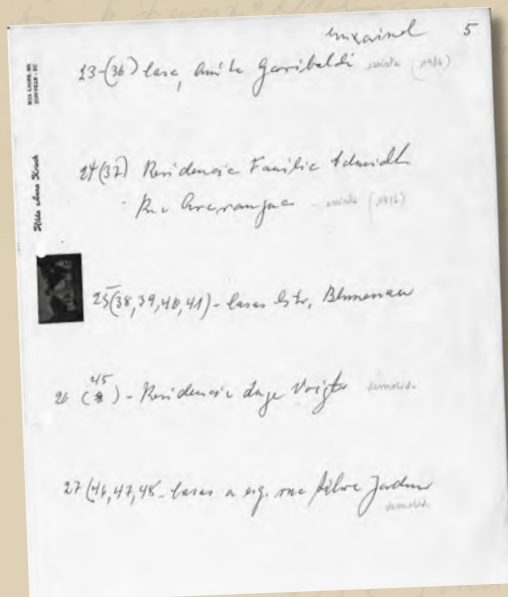
secretário de Cultura e Turismo de Joinville

Hilda Anna Krisch





Casa Alvin Berwaldt
Foto Eduardo Georg Kurnsancew



**Manuscrito Inventário do
Patrimônio Enxaimel**



Alicerces da Memória
Foto Eduardo Marques





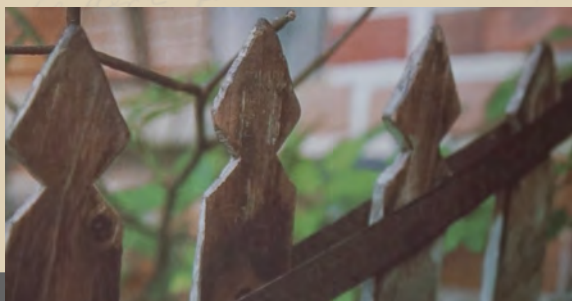
Alicerces da Memória
Foto Eduardo Marques



Alicerces da Memória
Foto Eduardo Marques



Alicerces da Memória
Foto Eduardo Marques



Alicerces da Memória
Foto Eduardo Marques



Alicerces da Memória
Foto Tarcisio Mattos

Inventário do patrimônio

O olhar sobre o patrimônio arquitetônico e cultural teve o pioneirismo de dona Hilda. Na década de 1970, toda a área rural de Joinville e Jaraguá do Sul recebeu visitas dela e foram contempladas com anotações, bem como com sua efusiva fala a bem da preservação.

Esse trabalho a fez integrante da Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural do Município, vinculada à Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo criada pela lei 1.514 de 27/05/1977, que resultou na elaboração da Lei de Tombamento Municipal de Joinville (lei 1.773 de 18/12/1980) assinada pelo prefeito Luiz Henrique da Silveira.

O mais emblemático efeito prático da iniciativa da comissão foi o inventário das construções em enxaimel em Joinville, executado em 1983. O trabalho que uniu a Fundação Cultural, Fundação Catarinense de Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, Universidade de Santa Catarina (Udesc) e Fundação Educacional da Região de Joinville apontou 400 bens no município, metade deles no meio rural.

O empenho foi tamanho que extrapolou as divisas de Joinville e limites de Santa Catarina.



“Ela já tinha, nos anos 1970, uma visão de patrimônio e de paisagem cultural, bem como a questão da imaterialidade. Seu olhar sobre as fontes históricas tinha uma preocupação em disponibilizar informações para as futuras gerações. Um exemplo foi o Cemitério do Imigrante, quando elaborou, a partir dos registros de óbitos da Igreja Luterana, a listagem de sepultamentos, que até os dias de hoje é fonte de pesquisa e consulta.”

**DIETILINDNER
CLARA ROEDEN,**

historiadora, presidente
da Associação
Observatório do
Patrimônio Histórico
Cultural (OPAH)



Incentivos

Em dezembro de 1975, a Prefeitura Municipal - era então prefeito Pedro Ivo Figueiredo de Campos - preocupada com as demolições de casas de enxaimel, passou a conceder benefícios à estas casas, através da lei 1.399. Segundo o artigo 19, fica o Executivo Municipal autorizado a conceder isenção de imposto predial e territorial urbano às casas de enxaimel, como tais considerados pela comissão especial (Dr. Violantin Rodrigues, Hilda Anna Krisch, Dagoberto Köentopp e Paul Helmuth Keller).

Porém o beneficiado fica proibido de proceder a modificações na construção, a não ser as necessárias para a sua conservação.

Também com esta Iniciativa da Prefeitura Municipal, várias edificações novas têm surgido com as características do estilo enxaimel, como por exemplo as Casas Pernambucanas, Farmácia Catarinense, entre outras. A maioria, contudo, está longe de apresentar o autêntico "enxaimel" com a fusão da estrutura de madeira na alvenaria. Na verdade, são estilos onde as pesadas vigas do enxaimel são imitadas por finas ripas de madeira fixadas na rígida parede de tijolo, cimento e reboco, resumindo-se a uma tentativa pouco feliz diante do verdadeiro enxaimel dos tempos da colonização de Joinville como esta casa que será inaugurada hoje no Museu Nacional de Imigração e Colonização.

*(Texto assinado pela jornalista **Marlene Eggert** e publicado no jornal A Notícia em 5 de setembro de 1980)*





A casa do
coveiro junto
ao Cemitério do
Imigrante

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE

PORTARIA Nº 079/89

Designa membros para integrar a Comissão de Manutenção e Conservação do Cemitério dos Imigrantes.

O Prefeito Municipal de Joinville, no uso de suas atribuições,

DESIGNA,
para integrar a Comissão de Manutenção e Conservação do Cemitério dos Imigrantes as seguintes pessoas:

Osvaldo Rieper
Pastor Remy Hofftaetter
Padre Bertino Weber
Hilda Anna Krisch
Ivo Koehntopp
Lilli Freitag
Apolinário Ternes

Joinville, 30 de novembro de 1989.

LUIZ GOMES
Prefeito Municipal

MOACIR G. THOMAZI
Diretor Presidente
Fundação Cultural de Joinville

Portaria que
cria a Comissão
de Manutenção
do Cemitério do
Imigrante

Hilda Anna Krisch



Casa da Memória e Cemitério do Imigrante

Personificada como “locomotiva”, Hilda Anna Krisch sensibilizou o prefeito Luiz Gomes para a necessidade de preservação do Cemitério do Imigrante e a incorporação da antiga casa do coveiro ao patrimônio do município.

Assim, integrou a Comissão de Manutenção e Conservação do Cemitério do Imigrante ao lado de Osvaldo Rieper, Pastor Remy Hofftaetter, Padre Bertino Weber, Ivo Koehntopp, Lilli Freitag e Apolinário Ternes. O grupo foi instituído em 30 de novembro de 1989 sendo presidente da Fundação Cultural de Joinville, Moacir Gervásio Thomazi.

Dona Hilda era incansável na defesa do valor histórico do imóvel e resgate da sua memória. Construída em 1857 para abrigar o coveiro e sua família (o último coveiro do Cemitério do Imigrante foi Kühn, que também tocava o sino da Igreja Luterana). Com o fim dos sepultamentos naquele espaço, em 1913, a Comunidade Evangélica vendeu o imóvel.



“Eu não tive o prazer de conhecê-la, mas tive o privilégio de trabalhar com o acervo que ela e seus companheiros recolheram e disponibilizaram para as futuras gerações no Museu Nacional da Imigração e Colonização. Na década de 1980, ouvia com frequência, no Instituto Histórico e Geográfico e na Fundação Catarinense de Cultura, menções a Hilda Krisch, Carlos Schneider, Helga Schmidt, Edith Wetzel, Margarida Schultz, entre outros. Eram nomes que apareciam em correspondências, em conversas, em texto e pesquisas. Eram ativistas do patrimônio que, partindo de Joinville, serviam de exemplo para o Estado. O arquiteto Dalmo Vieira Filho, maior autoridade na área do patrimônio histórico em Santa Catarina, é enfático ao afirmar que “era um núcleo de pessoas extremamente relevantes e muito engajado na defesa do patrimônio local.”.”

**DOLORES
CAROLINA TOMASELLI,**

historiadora, especialista em gestão de acervos e patrimônio.

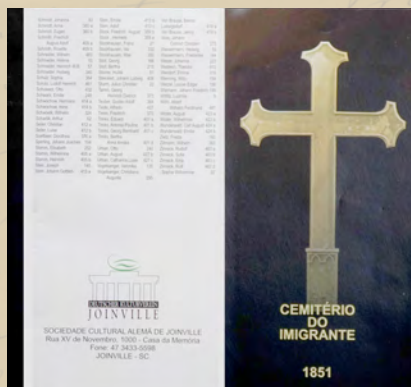




Capa do livro de resgate histórico do Cemitério do Imigrante



Troféu Hilda Anna Krisch



Trabalho da Sociedade Cultural Alemã de Joinville



Conjunto de lápides do Cemitério do Imigrante



Homenagem ao imigrante no dia 5 de março de 1997



A casa e o pequeno terreno 571,20 metros quadrados foi adquirida pelo senhor Guilherme Hucke e sua esposa Rosa Hucker em 16 de junho de 1928. Em 11 de junho de 1938, a propriedade foi adquirida por Julio Hudler e sua esposa Hilda Hudler. Em 26 de março de 1959 a propriedade é passada para os herdeiros Huberto Hudler e sua esposa, Emília Hudler, e Norberto Hudler e sua esposa, Orlanda Stenenagel Hudler. Em 31 de março de 1962, Hilário Wolfgramm e sua esposa, Elinor Wolfgramm adquirem a propriedade e passam a residir ali.

Somente em 2 de dezembro de 1983 o prefeito Wittich Freitag, a pedido de dona Hilda, comprou e restaurou a casa. Nela, foi instalado o gabinete de trabalho de dona Hilda e o setor de educação do Cemitério do Imigrante.

Atualmente, a Casa da Memória do Imigrante abriga a Sociedade Cultural Alemã Joinville. Para homenagear seu legado, a entidade, fundada em 1999, instituiu o "Troféu Hilda Anna Krisch", confeccionado pela artista plástica Marli Zwarowski, para homenagear pessoas ou instituições que colaboram para com a preservação e o fortalecimento da cultural alemã em Joinville.





"O legado de Hilda Anna Krisch para o patrimônio cultural de Joinville é muito relevante. Foi uma mulher pioneira na sua época, que transitou entre os campos da saúde pública e da cultura, pois seu ativismo defendeu a preservação da memória e da história, mas também articulou na prática, há mais de 50 anos, a importância dos espaços culturais para o bem-estar e qualidade de vida das pessoas.

Os equipamentos públicos que atualmente integram a Unidade de Patrimônio e Museus da Secretaria de Cultura e Turismo tem em seus acervos e na sua própria constituição institucional o legado de Hilda Krisch. Além de contribuir com aquisição de acervos, com registros documentais e com metodologia de pesquisa, ela contribuiu com a formação de políticas públicas, como a Lei 1773, de tombamento municipal, com a Lei 1772, que institui a Comissão de Patrimônio Histórico Arqueológico Artístico e Natural do Município de Joinville (COMPHAAN) e com o Conselho Municipal de Cultura.

Entre tantas contribuições, destaco sua contribuição para a aquisição da coleção arqueológica de Guilherme Tiburtius, em 1963, e que ainda hoje é um dos acervos mais pesquisados do Museu Arqueológico de Sambaqui, assim como a montagem de uma casa enxaimel que integra o espaço expositivo do Museu Nacional de Imigração e Colonização e que de forma didática mostra essa técnica construtiva e os hábitos e costumes da colônia. Sua atuação na defesa da aquisição da atual Casa da Memória é outro legado que reverbera até hoje, pois neste espaço que Hilda Anna Krisch inicia a educação patrimonial do Cemitério do Imigrante. Que este projeto contribua para a valorização da história de vida e do legado cultural de Hilda Krisch."

ROBERTA MEYER MIRANDA DA VEIGA,

Gerente de Patrimônio e Museus da Secult



Museu Arqueológico do Sambaqui

Uma das lutas de Hilda Anna Krisch foi pela aquisição do acervo do pesquisador na área da arqueologia, Guilherme Tiburtius, e criação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Em homenagem, hoje o auditório do Museu leva seu nome.

A correspondência com Tiburtius está entre os documentos que fazem parte do projeto cultural “Hilda Anna Krich e a salvaguarda do patrimônio e da paisagem cultural em Joinville”.

O Museu de Sambaqui, a Coleção Tiburcius, foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Joinville em 09 de junho de 1963 e aberta à visitação pública em 15 de novembro de 1963.

Durante nove anos, inclusive outros objetos referentes ao tema da arqueologia foram coletados e estiveram à disposição do público, graças ao trabalho da comissão do Museu.

A Comissão do Museu Nacional, da qual Hilda fazia parte, além de defender o acervo arqueológico de forma enfática, pois havia muitos pedidos para remoção do acervo, inclusive do próprio Serviço do Patrimônio Histórico Nacional - SPHAN, que pedia categoricamente a relocação do material, foi a responsável pela construção de uma sede apropriada para abrigar a coleção e o futuro Museu de Sambaqui de Joinville. O prédio entregue à comunidade em 30 de setembro de 1972 foi o primeiro edifício projetado e construído em Santa Catarina para abrigar uma unidade museológica, o hoje Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.



Curitiba, de 9. Mai 1971

Gerechtes Fräulein Krisch!

Habe heute eine nicht schwere aber recht schwere
Kiefer-Operation gut überstanden. Meine Lebensgefährtin
Helga hat die Freundlichkeit zwar die verproviantierte
selbst zu übernehmen, 2 Pasten, Torte mit Obst
meiner Wägen können Sie behalten, die anderen bitte
zu Gelegenheit mir. Habe kein Leporello mehr,
das waren die letzten. Also habe ich halt gehalten.
Betreffs Euerer Guilherme Tiburtius, erinnere ich
mich mit Bestimmtheit, dass Sie mir aus der
Heft magge vor geben haben, aber nichts über sehen.
Der Schneider geht noch schlecht, wollte mir die
Gelegenheit mit Helga am nutzen
Hatte Luv. Imhoff leider nicht an getroffen.
Ihnen alles Gute wünschend

Beiliegend mit herzlichem Grusse
Ihr Guilherme Tiburtius
Entgegen
oder panfletos
com os trabalhos
publicados por Tiburtius
e. M. M.

CURITIBA, 9 DE MAIO DE 1971

CARA SENHORITA KRISCH!

Hoje estou muito bem, depois de realizar uma cirurgia não tão complexa, mas razoavelmente dolorosa. Minha nora Helga vai fazer a gentileza de lhe levar pessoalmente os prometidos cadernos, [são] 2, em que, em um deles há um [texto], em que foi citado o seu valoroso nome, com o qual a senhorita pode ficar, o outro, peço que me devolva oportunamente, pois não tenho mais nenhum, este era o último. Então, cumpro com a minha palavra?

No que diz respeito a "exercícios" feitos por Guilherme Tiburtius, de minha parte, tenho certeza, que a senhorita leu um trecho de uma encadernação para mim, mas não me "entregou" nada. Está difícil escrever, apenas aproveitei a oportunidade da ida de Helga. Infelizmente não consegui me encontrar com o senhor Imhoff.

Desejo-lhe tudo de bom, com cordiais saudações, seu Guilherme Tiburtius

Entregar os panfletos com os trabalhos publicados por Tiburtius [em mãos]

(Tradução MSc. Helena Remina Richlin)

Autoriza o Executivo Municipal a comprar pelo preço de Cr\$ 5.000.000,00 o material arqueológico, pertencente à Guilherme Tiburtius.

O Cidadão Helmut Fallgatter, Prefeito Municipal de Joinville, no uso de suas atribuições: Pago saber a todos os habitantes deste Município que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a presente Lei.

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a comprar, pelo preço de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros), o material arqueológico, pré-colombiano, colhido nos sambaquis de Joinville e municípios circunvizinhos, constante de esqueletos indígenas, utensílios usados pelos indígenas, coleção de conchas e demais integrantes, tudo devidamente classificado e catalogado cientificamente, da coleção do Sr. Guilherme Tiburtius, domiciliado à rua Visconde do Rio Branco, 925, em Curitiba, Estado do Paraná.

Artigo 2º - A despesa para atender a aquisição de que trata o artigo anterior, correrá por conta do excesso de arrecadação do presente exercício.

Artigo 3º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Joinville, 9 de julho de 1963

Helmut Fallgatter
Prefeito Municipal

Registrada e publicada nesta Diretoria do Expediente

Joinville, 9 de julho de 1963

Dr. Lyonor Palhares
Diretor do Expediente

Autorização do Executivo municipal para a compra da coleção de Guilherme Tiburtius

O Museu de Parlagui, ~~uma~~ e coleção (8) "Tiburtius", ^{cupido} ~~fundada~~ 9 de julho de 1963, aberta ao público em 15-11-1963, após a publicação do ato do.

X 1963, foi instalado do ato do.
Palácio dos Príncipes em 9/4/63

Em 6-30/9 1972 passou para a construção própria - inaugurado 30/9/72

As duas locações do Museu Novo.
del de Injeção e laboratório em 1972,
durante 2 anos, de 1963 Tiburtius,
e outros objetos, que foram dos des. Poder
se obter, que defenderam o que lhes se
cupido em junho e de 1972,

mudou-se ^{parlagui} para o novo Museu de Sambaqui
 em 5/9 1972 - que levou 1 semana
 foi inaugurado em 30/9/72

Manuscrito sobre a coleção de Tiburtius

Hilda Anna Krisch

POR APOLINÁRIO TERNES

Nascida em Joinville a 6 de março de 1900, de pai brasileiro e mãe alemã, Hilda Anna Krisch fez estudos em Joinville e São Paulo, constituindo-se numa das primeiras enfermeiras profissionais de Santa Catarina. Por duas vezes, realizou cursos e estágios nos Estados Unidos, onde chegou a ficar por cinco anos, voltou ao Brasil exercendo a profissão em São Paulo. Ajudou na estruturação do Hospital de Clínicas de São Paulo. Em 1955, construiu residência na atual rua Lages, e voltou para Joinville alguns anos depois, então aposentada. Por aqui, sempre esteve presente nas atividades do Hospital Dona Helena, colaborando como uma das mais competentes profissionais de enfermagem do país.

A partir da década de 1960, em razão de seus interesses pela história e a cultura de Joinville, integrou-se à comissão do Museu Nacional de Colonização e Imigração, atuando de forma colaborativa por mais de 30 anos. Culta e informada, Hilda Anna Krisch participou ativamente das atividades culturais da cidade, cuidando com especial dedicação da Casa da Memória e do Cemitério do Imigrante.

Dentre suas preocupações, além de cuidados pela memória histórica de Joinville, dedicava atenção especial às palmeiras imperiais da Alameda Brüstlein; nomes antigos de ruas de Joinville e da preservação do Cemitério do Imigrante.

Faleceu em junho de 1995 aos 95 anos de idade. Deixou um legado imenso na construção do patrimônio histórico cultural de Joinville, além de ter exercido grande influência na evolução dos serviços de enfermagem, tanto em São Paulo quanto em Santa Catarina.

Uma mulher que esteve à frente de seu tempo, merecedora da gratidão e do respeito de todos os joinvilenses.



APOLINÁRIO TERNES,

jornalista e historiador, é autor de mais de 30 livros sobre Joinville e região. É membro da Academia de Letras de Joinville e de Santa Catarina e do Instituto Histórico e Geográfico de SC.

Hilda Anna Krisch



Eduardo Krisch

Quem foi Eduardo Krisch, articulista e crítico austríaco, radicado e falecido em Joinville, avô de Hilda Anna Krisch

Eduardo Krisch nasceu em Roemerstadt, Áustria, em 6 de julho de 1838 e faleceu em Joinville em 3 de março de 1903. Era filho de Johan Krisch e Joahanna Raab. Emigrou para o Brasil em agosto de 1865 aos 27 anos. Em sua companhia vieram seus pais, a irmã Marie, sua sobrinha Hedwig e a prima Gabriela.

A viagem de Hamburgo, na Alemanha, até Itajaí, Santa Catarina, durou 13 semanas, e o mesmo navio levou-os para São Francisco do Sul, também no litoral Norte de SC.

Ao chegarem, Eduardo Krisch e seu pai pretendiam montar uma indústria e para isso adquiriram terras na estrada para Blumenau, na época em construção, dentro do raio da estrada planejada da Colônia Dona Francisca para o Planalto, o que garantiria um bom futuro. Construíram uma serraria, engenhos de açúcar e aguardente e descascador de arroz próximo a um salto de água, que lhes garantiria força motriz, na localidade de Duas Mamas. Porém, as estradas não foram concluídas conforme planejadas e os empreendimentos da família, isolados, fracassaram.

Devido a avançada idade de seus pais, Eduardo tornou-se o chefe da família. Casou-se, poucos meses depois de sua chegada, com a prima Gabriela. A cerimônia de casamento foi realizada pelo Padre Boergerhauser, na igreja da cidade. Começou então a dura luta de sustentar a família.

Todas as seções do empreendimento foram concluídas e funcionou a contento, menos o de beneficiar arroz pelo simples fato de não haver arroz para ser beneficiado. Os engenhos de açúcar e aguardente trabalharam dois anos com prejuízos insuportáveis e uma grande parte da instalação foi vendida aos poucos, peça por peça, enquanto o resto da instalação desapareceu e ninguém soube que fim levou.

Toda a esperança de uma renda suficiente para poder viver com a família estava depositada na serraria localizada em uma rua sem saída onde poucos ou ninguém ia comprar madeira.



Eduardo Krisch, diante de um cenário de dificuldades, aceitou o convite da Sociedade Colonizadora de Hamburgo para substituir o engenheiro Frederico Heeren na construção de outra estrada para Blumenau – a atual Estrada do Sul –, a qual ele levou do km 25 até Jaraguá do Sul. Em seguida, executou as plantas projetadas da cidade de Hansa-Humboldt, hoje Corupá, e foi nomeado administrador responsável destas terras.

Durante os mais de 20 anos ininterruptos como administrador, Eduardo Krisch traçou e construiu mais de 100 quilômetros de estrada carroçável, incluindo a estrada principal desde Brüderthal até a divisa do município de São Bento do Sul, na extensão de cerca de 70 quilômetros; de demarcação de milhares de lotes coloniais; de construção de inúmeras pontes e pontilhões; da construção de pontes sobre o rio Itapocuzinho e o rio Humboldt entre outras. Sem falar da sua atividade em medicina. Apesar de não ser médico diplomado, tinha conhecimentos suficientes com os quais amenizava problemas de saúde dos imigrantes naquele inóspito mundo no meio das matas.

As consequências da vida nômade no desempenho de seu cargo, a falta de todo e qualquer conforto e de alimentação regular e adequada durante mais de 20 anos abalaram seriamente a saúde de Eduardo Krisch.

A diretoria da Sociedade negou-lhe o pedido de demissão e concederam-lhe a dispensa do cargo de administrador do Distrito de Hansa e lhe deram licença por tempo indeterminado para tratar de sua saúde. Em seguida, Eduardo Krisch montou seu cavalo de uso e deixou Hansa, como tantas vezes o fez, mas desta vez para não mais voltar.

Neste ínterim, a Sociedade Colonizadora adquiriu as terras do Príncipe Schoerburg-Waldenburg contendo a área de aproximadamente 2500 m² denominado Distrito Piraí, cujo trabalho de implantação ficou a cargo de Eduardo Krisch, cujo estado de saúde havia melhorado.

Seu filho mais velho, João Krisch, assumiu todos os serviços a realizar no mato bruto, o que facilitou para Eduardo o cumprimento dessa tarefa. As atividades de Eduardo Krisch então se limitavam em dirigir, dividir os terrenos em lotes convenientes, confeccionar o respectivo mapa etc. De quando em quando, visitar a turma no mato, passando alguns dias junto com seus trabalhadores no rancho, assumindo nessas ocasiões as funções de cozinheiro – sujeito à aprovação decisiva de seu superior, João Krisch. Concluída a construção da estrada, estava encerrado o trabalho no Distrito Piraí.



O estado de saúde de Eduardo Krisch havia se restabelecido e ele concordou com a transferência para a localidade de Hamônia, no município de Blumenau, para fazer parte da administração daquele distrito. Devido à incerteza de sua saúde, fez-se acompanhar por sua esposa.

Imediatamente após sua chegada a Blumenau, Eduardo entregou-se aos cuidados de seu velho amigo, Dr. Wigand Engelke, pois já os incômodos da viagem não lhe tinham feito bem. No fim de algumas semanas o Dr. Engelke aconselhou a sua esposa que tratasse de regressar o mais depressa possível para Joinville porque os dias de seu marido estavam contados. Decorridos oito dias após sua chegada em Joinville, Eduardo Krisch faleceu, com a idade de 68 anos.

“O sonho do tempo remoto, relativo a um futuro dourado tinha se transformado em árdua, ininterrupta atividade, com o objetivo de ganhar o pão de cada dia, para si e para seus familiares, deixando suas obras acabadas, para que seus pósteros, pudessem além de usufruírem os benefícios advindos desse trabalho incansável, aquilatassem o valor extraordinário de um homem que apesar de aqui não ter nascido, dedicou toda uma existência em benefício da causa comum”.

Esta mensagem foi dedicada a Eduardo Krisch, quando foi agraciado pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo com a Grande Medalha de Ouro pelos relevantes serviços prestados. A dita medalha e seu respectivo documento foram depositados aos cuidados da neta Hilda Anna Krisch.

Essa descrição da história de Eduardo Krisch foi deixada por seu filho Johann (João) Krisch, nascido em 28 de setembro de 1866 em Joinville. Era casado com Anna Maria Müller e faleceu no dia 8 de junho de 1952.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

KRISCH, João, 1950. Famílias Brasileiras de Origem Germânica, publicação conjunta do Instituto Genealógico Brasileiro e do Instituto Hans Staden - 1964. Acrescido de novas informações coletadas com membros da família.



Material produzido por ocasião da realização do inventário das construções enxaimel em Joinville.

Preservação do Patrimônio Cultural - Joinville

Introdução:

Envolvendo a Prefeitura Municipal de Joinville através da Fundação Cultural, Fundação Catarinense de Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, Universidade de Santa Catarina e Fundação Educacional da Região de Joinville, iniciou-se em 1.983 o inventário dos Bens Culturais do Município de Joinville./

Aqui, foram inventariados perto de quatrocentos bens, duzentos dos quais no meio rural. O modelo social das colônias - lotes unifamiliares - produzindo inicialmente quase que para autoconsumo, não poderia produzir os grandes monumentos representativos de ciclos econômicos relacionados ao comércio internacional, conhecidos por regiões brasileiras como Nordeste e o Recôncavo Baiano, relativamente a cana-de-açúcar, a borracha da Amazônia ou o ouro de Minas Gerais./

Nas áreas de imigração não veremos a moradia do grande senhor - símbolo de poder e fausto - edificado por centenas de escravos. Aqui teremos o abrigo familiar, na maioria das vezes construído em regime de mutirão. Depois a igreja, a escola e o armazém./

Com o inventário concluído, a Fundação Cultural de Joinville e Fundação Nacional Pró-Memória 12º DR, optaram por uma linha de trabalho de preservação que seguisse a especificidade da área urbana e área rural, nascendo assim a proposta do Projeto Memória de Joinville./

O Patrimônio:

Constituído pela paisagem e por centenas de edificações que se caracterizam pela grande inclinação do telhado./

O material tradicional é o tijolo à vista, por vezes em paredes autoportantes, mas normalmente presente nos "enxaiméis" - estruturas independentes de madeira em que o tijolo aparece apenas como material de vedação, bastante frequente a disposição dos tijolos formando desenhos geométricos nas paredes - ora em função da colocação caprichosa dos tijolos, ora tirando partido da coloração diferenciada que a queima proporciona aos tijolos./

O resultado plástico é excelente./

A honestidade da edificação, com sua estrutura aparente e a beleza dos tijolos formando as vedações, tornam a casa de enxaimel uma das mais perfeitas adaptações de arquitetura européia no Brasil./

Hilda Anna Kriech



sentam com freqüência trabalhos esmerados em madeira, nos parapeitos e nos beirais./

Internamente, as casas são rebocadas e pintadas com cores neutras. As esquadrias, ao contrário, muitas vezes são dotadas de cores vivas, o que oferece um contraste todo especial com a estrutura - sempre negra ou marrom/ e com tijolos alaranjados./

As plantas são muito semelhantes entre si: sala e quartos frontais; nos fundos, um compartimento estreito e longo, quase sempre ocupando toda a largura da planta, e freqüentemente subdividido por tabiques de madeira: será a cozinha e o corredor, ou outros quartos, se a planta se estender mais para os fundos./

O sótão é sempre ocupado - como quarto de filhas ou como depósito. Não é incomum que a planta prolongue-se para os fundos, com mais quartos, cozinha, área de serviço, poço e mesmo estrebarias - por vezes sem descontinuidade da projeção do telhado principal./

Este patrimônio, como já foi citado, só pode ser avaliado junto com a paisagem singular em que está inserido: vales cortados por pequenos rios, emoldurados por vegetação exuberante, natural ou plantada pelo colono./

A Política de Preservação:

Área Urbana: Joinville do início do século era um pequeno aglomerado urbano. Hoje é o município de maior número de habitantes no Estado de Santa Catarina./

Registrou-se quase que exclusivamente os vestígios físicos do desenvolvimento da cidade, as edificações, muitas delas ocupadas por novos donos, distantes culturalmente de quem os criou./

Evidenciou-se que a preservação do meio urbano está ligada à conservação e valorização de partes da paisagem da cidade, e de algumas de suas unidades mais notáveis./

A preservação urbana é vital para a preservação da identidade e da personalidade da cidade de Joinville. Que a cidade cresça, transforme-se mas não perca suas características./

A preservação do Patrimônio Urbano de Joinville deverá preocupar-se com a escala das edificações, com a sobrevivência/ e com a valorização dos jardins frontais, com a preservação das unidades notáveis da malha urbana, enfim, com a manutenção da ambiência, entendida esta como a somatória de fatores culturais e naturais que particularizem a cidade./

Área Rural: Por ser impossível a preservação de todo o patrimônio localizado, o objetivo é o de concentrar esforços nas áreas mais importantes,

Completando esta ação, os caminhos serão ainda, objeto de legislação municipal de preservação ambiental. Museus e pontos de venda de produtos locais de referência cultural serão criados, casas enxaimel serão restauradas./

Verificou-se que o trabalho de preservação e valorização cultural é absolutamente sintonizado com o trabalho de promoção e manutenção do homem no meio rural. O abandono da área rural é o maior inimigo da preservação do patrimônio. Assim, temos atuado sempre no sentido de valorizar a condição de agricultor dos detentores desta cultura./

Enquanto o colono continuar a produzir, sua casa estará arrumada, seu jardim florido, o pasto e as plantações verdejantes./

Especificamente já restauramos 03 casas no meio rural de Joinville. Casas que corriam o risco de ruir em função do péssimo estado de conservação. Uma vasta relação de outras edificações aguardam pela mesma medida de preservação./

Os custos das referidas obras são ressarcidas em 03 partes iguais, ou seja, 1/3 proprietário, 1/3 SPHAN-Fundação Nacional, Pró-Memória, 1/3 Prefeitura Municipal de Joinville./

A Fundação Cultural de Joinville, num esforço sobre humano tem lutado para manter toda uma equipe trabalhando especificamente nesta área, e a Fundação Nacional Pró-Memória através da 12ª DR tem sido incansável, tanto na parte de assessoria técnica, bem como na tentativa de repassar os recursos ao município, para viabilizar o Projeto Memória de Joinville./

Conclusão:

O conflito entre preservação e desenvolvimento é resultado das contradições existentes em função dos procedimentos da cultura tradicional e as novas formas tecnológicas./

A dificuldade em conciliar a tradição e tecnologia é um problema comum a todas as sociedades do mundo moderno./

As causas do conflito residem nos modelos distorcidos de desenvolvimento, pois o verdadeiro desenvolvimento cultural de sentido mais humano, incorpora as vantagens da preservação./

O verdadeiro progresso deve lutar pelo acesso ao novo conhecimento tecnológico fazendo prevalecer a identidade cultural./

Neste contexto a preservação do bem cultural como um elemento fundamental interessa ao próprio desenvolvimento. Por isso entendemos que um trabalho baseado em tais parâmetros só poderá se dar acoplado a um plano,

Engenheira Agrônoma: Maria Andréia Cadoret
Projeto Memória de Joinville - Fundação
Nacional Pró-Memória - 12ª DR
Fundação Cultural de Joinville.

Hilda Anna Krisch

Joinville na Arquitetura, por Paul Hellmuth Keller, capítulo do livro Centenário de Joinville.

JOINVILLE NA ARQUITETURA
3 por PAUL HELLMUTH KELLER
do livro "CENTENÁRIO DE JOINVILLE" - 1951

Joinville. Atraído pela sua proeminência industrial-econômica, fica o forasteiro desde logo surpreso em deparar-se com uma cidade de formação, aspecto e estética completamente diferente entre si.

Surpreso porque poderia esperar-se ver-se diante de uma urbe comum, igual a tantas outras, desenvolvida de um aglomerado colonial, um enxerto de edifícios de indústria, com um urbanismo central mais ou menos imponente, ou então aquilo que, ainda há pouco, se convencionava chamar comumente de cidade industrial, parque industrial, conjunto delimitado, entulhado, abafado.

Nada disso, porém, se encontra em Joinville. Encontra-se, ao contrário, uma cidade ampla, larga, arejada, como se houvesse sido criada segundo um plano pré-elaborado, obedecendo a modernos preceitos urbanísticos, enfim, uma cidade-jardim, epíteto que, devido justamente ao seu aspecto e estética característicos lhe fôra dado graciosamente e mui acertadamente.)

Cidade de grande periferia, ruas amplas e confortáveis, onde as notas predominantes são as casas individuais, ajardinadas, distantes das vizinhanças e da rua, dando-lha peculiaridade nítida - eis Joinville.

Tais características, constituem, sem dúvida, um desenvolvimento feliz, que preenche e satisfaz também as exigências higiênicas e sociológicas. Em tal ambiente é difícil criarem os exageros desatinados das grandes cidades: palácios de um lado, favelas de outro, num contraste flagrante que choca e perturba.

Interessante, porque dedutivo, salientar a razão desse desenvolvimento típico. Não é, em absoluto, ocasional, mas consequência unicamente da previsão e da formação espiritual dos primeiros colonizadores, cujos princípios ficaram claramente expressos na elaboração das primeiras posturas municipais, ainda hoje em vigor, com poucas modificações.



28

E por quê? Elucidemos: entre os primeiros emigrantes houveram elementos de elevada classe social e cultural, intelectuais, representantes do então nascente individualismo e, d'outro, grandes liberais, avessos ao feudalismo e arcaísmo medieval.

Em aqui chegando, transpostas as iniciais dificuldades, trataram esses elementos desde logo, traduzir, em suas novas moradias, as suas concepções filosóficas de individualismo e liberdade, as suas percepções éticas. Não pleiteavam grandes glebas; bastava-lhes o chão suficiente para satisfação às suas necessidades reais, do sustento de suas famílias, afim de que, sem maiores cuidados, pudessem se entregar às suas profissões ou mistérios intelectuais, propriamente ditos.

Existe, ainda hoje, em Joinville (à rua 15 de Novembro, esquina rua Jaraguá) - um exemplo típico da moradia joinvilense, - a casa de um dos mais ilustres emigrantes, o Dr. Ottokar Doerffel, construída logo após o primeiro decênio de fundação. Reúne esse edifício todos os requisitos: situação isolada, sossegada, moradia ampla, cercada de ajardinagem, traduzindo em si o espírito de liberdade, o individualismo que a inspiraram. Essa casa influíu decididamente na formação concepcional de joinvilense em geral, frente ao problema da residência propriamente dito, das suas relações com a coletividade.

Esse acentuado espírito predomina ainda em nossos dias: prossegue o joinvilense animado pelo idealismo da moradia independente, preferindo-a mesmo em sítios afastados, com sacrifício de longas distâncias a serem percorridas. Resulta daí serem os edifícios nas próprias vias principais, residências na realidade, ocupadas, apenas parcialmente, por estabelecimentos comerciais. Exceção feita, é claro, somente com alguns hotéis e clubes, algumas casas de apartamentos, de construção recente.

Essa pouca propensão de joinvilense para a aglomeração residencial, em conjunto, explica a existência também de tantos terrenos baldios no centro da cidade.

Interessante mencionar, por outro lado, o tipo predominante nas construções joinvilenses, tipo esse que nos vêm desde os primeiros tempos de fundação da cidade: a casa de "enxaimel". Quase desconhecida no resto do Brasil, aqui introduzida pelos saxões, fôra, sem dúvida, uma solução ideal para a concretização do problema da moradia decente e expressiva. A excessiva umidade do ambiente desaconselhava a construção de rústicas casas de ripas, com chão de terra batida. Houve assim, de início, a necessidade de criar moradias secas, de piso elevado, cujas paredes constituíssem, de fato, uma defesa contra as interpéries e, também, contra animais e insetos.

Nessa empresa dependia o colono unicamente do seu trabalho próprio e o de sua família, não dispondo, como não dispunha, da mão de obra graciosa dos escravos. Forçavam-nos, outrossim, as circunstâncias, reduzir ao mínimo, os dispêndios em moeda e o tempo de serviço, obrigando-o procurar um método condizente a tais exigências, naturais e compreensíveis.

Fora de cogitações já estava o emprego de pedras, as quais, ademais, eram de difícil consecução; difícil porque o granito local duro só se extrai com emprego de explosivos, além das dificuldades de transporte, na falta de estradas. Estava limitado, portanto, a construção, ao emprego de madeira, aliás abundante, e a argila ou barro da terra virgem e pródiga.

As regras do aproveitamento da madeira e da arte da carpintaria elementar, conduziram ao emprego da construção de "enxaimel" que em sua forma simples, clara e expressiva, sua estrutura sólida e boa, sua modicidade de custo, representava a solução ideal, de imediato aproveitamento.

Nas construções de enxaimel, a madeira assume e desempenha todas as funções que são exigidas para a estabilidade construtiva. A armação compõe-se de vigas e colunas, escoras e travessas, de acordo com a sua função estática, que, por seu emprego estrutural, formam a moldura, o motivo marcante desta arquitetura. O enchimento das paredes, liberto da função de suporte, servindo apenas como vedo exter-

no, habilita o uso amplo e arbitrário de tijolos em formas e disposições caprichosas, na sua apresentação como desenhos, delineamentos de efeitos decorativos, sugestivos. Conservam-se os tijolos para tanto, em bruto, e com seu vermelho vivo, natural e o escuro da madeira formam, em seu conjunto, um contraste singular, álaçre, em harmonia com as tonalidades verdolengas da natureza,

Constituíam o telhado, telhas planas, de fácil fabricação manual. A forma simples destas telhas (de escamas) exigia um declive acentuado para fácil escoamento, permitindo, por sua vez, um sótão maior, de melhor aproveitamento. Sendo a forma do telhado intimamente ligada aos estilos arquitetônicos, acrescentou, portanto, este fator, um outro característico à casa joinvilense.

Esta, devido o justo e acertado emprego de materiais, realçando com naturalidade as suas propriedades típicas, suas cores, - é de uma verdadeira arquitetura funcional.

Com o crescimento da colônia, desenvolveu-se um centro urbano, com tipologia "de cidade"; surgiram as casas citadinas mais vistosas, que naturalmente possuem condições diferentes da casa simples do sítio. Sua arquitetura destaca-se pelos estilos das épocas em que foram concebidas, dominando, em início, o neo-clássico do século 19, para declinar depois em variantes, até as formas modernas de hoje.

Desta maneira vemos, como primeiros testemunhos as obras de caráter profano e religioso; belas construções harmoniosas e estéticas, conforme se nos apresentam os trabalhos dos primeiros arquitetos em Joinville. Foi seu representante, o mais destacado talvez, o arquiteto A. Kroehne, além de construtores como um Mueller, que muita influência tiveram sobre os seus sucessores.

A tendência de criar uma certa monumentalidade e aparência formal-clássica, a que não se pode negar certa rigidez, um tanto empertigada, triunfava naquela época, servindo de modelo para tudo, tanto assim que até mesmo construções industriais, fábricas, foram nela inspirados. O cuidado primordial do ideal arquitetônico da época era apenas a fachada, a cuja divisão e esquematização tu-

KARL F. MUELLER

023



do mais era subordinado. Seus veículos de expressão eram limitados pela fraca e rudimentar escolha de materiais disponíveis: madeira, tijolos e reboco.

Foi esta concepção substituída por uma arquitetura cada vez mais liberal, arbitrária, que se afastava dos velhos estilos tradicionais, e começava a experimentar motivos livres, para afinal ceder lugar a idéias arquitetônicas mais modernas.

E nem sempre souberam criar formas que se assemelhassem às antigas, as quais representam hoje símbolos de um tempo, vivido e passado, é certo, mas imponente na sua exteriorização artística.

Prevalece atualmente uma nova compreensão de arquitetura, que realça os valores mais importantes: o projetamento de cada obra, de acordo com o fim a que se destina, evidenciando os meios de construção que lhe são necessários.

Julgamos de bom alvitre, considerando o meio ambiente, a arquitetura peculiar e característica de Joinville, seus ensinamentos - desejar a todos que participam do nobre mister de projetar tenham sempre em mente a boa e velha casa de "enxaimel", não como modelo de imitação, é natural, mas para haurir de seus salutares princípios, reunindo, como reúne, aquilo que a arquitetura funcional, moderna, contemporânea, considera fatores mais essenciais: utilidade, conforto e beleza.

“Hilda Anna Krisch e a salvaguarda do patrimônio e da paisagem cultural em Joinville”

Não deveria ser necessário lembrar. Mas é imperativo resgatar o trabalho de dona Hilda uma vez que o passar dos anos o silenciou e relegou ao esquecimento.

Quantos passam pelo Cemitério do Imigrante e usufruem do parque sem saber que aquele patrimônio só existe graças ao empenho de dona Hilda em transformar um bem tombado em um bem preservado e incorporado à comunidade? O que dizer do Museu Nacional de Imigração e Colonização, que desde sua criação foi referência para a história da Imigração no Sul do Brasil?

O presidente da República, em 2 de julho de 1957, cria oficialmente o Museu Nacional de Imigração e Colonização em Joinville.

Em julho de 1961, por iniciativa do prefeito Helmut Fallgatter, foi instituída uma comissão integrada por voluntários responsável por angariar objetos, documentos, fotografias, bem como providenciar a reforma do prédio para o efetivo funcionamento do tão aclamado Museu.

Estavam à frente da primeira comissão Carlos F. A. Schneider, Dr. Kurt Rogenberger, Hilda Anna Krisch, Helga Schmidt, Edith Wetzel, Nani Keller e Host Wippel. Com apoio de empresas, foi recuperada parte da mobília original de 1874, uma sala de jantar confeccionada em carvalho e uma sala de visitas confeccionada em jacarandá. Ao completar 50 anos de fundação, em 2007, o Museu dispunha de acervo estimado em cinco mil peças distribuídas em 13 coleções.

Uma das lutas liderada por Hilda Anna Krisch foi a relocação da casa enxaimel, situada no terreno do então 13º Batalhão de Caçadores (hoje, 62º Batalhão de Infantaria) para a área do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville.

Na justificativa, dona Hilda diz:

“Em nosso país, no norte catarinense, em cidades como Joinville, Blumenau, Brusque, encontramos a Casa Enxaimel. Típicas desta região, estas casas foram criadas pelos primeiros imigrantes, seguindo um estilo que lhes era familiar na terra natal, adaptadas ao clima e as condições locais. São construções que testemunharam as dificuldades e as conquistas de nossos imigrantes. A preservação destas casas dará as gerações de hoje e amanhã um sentimento de respeito e orgulho para com o trabalho dos imigrantes.”

Uma das lutas de Hilda Anna Krisch foi pela aquisição do acervo do pesquisador na área da arqueologia, Guilherme Tiburtius, e criação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. A coleção adquirida pela Prefeitura de Joinville em junho de 1963 foi aberta à visitação em novembro do mesmo ano.

Assim foi também a valorização do Arquivo Histórico e a busca pela coleção *Kolonie-Zeitung*. As próprias palmeiras imperiais da Alameda Brüstlein também tiveram a atenção dela, que insistia em ter sempre mudas para reposição.

Personificada como “locomotiva”, Hilda Anna Krisch sensibilizou o então prefeito Luiz Gomes para a necessidade de preservação do Cemitério do Imigrante e a incorporação da antiga casa do coveiro, agora Casa da Memória, ao patrimônio do município.



Construída em 1857 para abrigar o coveiro e sua família (o último coveiro foi o senhor Küh) com o fim dos sepultamentos naquele espaço, em 1913, a Comunidade Evangélica vendeu o imóvel. Hilda era incansável na defesa do valor histórico do imóvel e resgate da sua memória. Em 31 de março de 1962, Hilário Wolfram e sua esposa, Elinor, adquiriram a propriedade e passaram a residir ali.

Em 2 de dezembro de 1983, o prefeito Wittich Freitag, a pedido de dona Hilda, comprou e restaurou a casa. Nela foi instalado o gabinete de trabalho de dona Hilda e o setor de educação do Cemitério do Imigrante.

Atualmente, a Casa da Memória do Imigrante abriga a Cultural Alemã Joinville. Para homenagear seu legado, a entidade, fundada em 1999, instituiu o “Troféu Hilda Anna Krisch”, que homenageia pessoas ou instituições que colaboram para com a preservação e o fortalecimento da cultura alemã em Joinville.

Sua máquina de escrever, seus óculos, sua lupa, sua liderança e sua consistência no discurso pela preservação são os responsáveis pelo que temos hoje de memória preservada em Joinville.

O olhar sobre o patrimônio arquitetônico e cultural teve o pioneirismo de dona Hilda. Na década de 1970, toda a área rural de Joinville e Jaraguá do Sul recebeu visitas dela e foram contempladas com anotações, bem como com sua efusiva fala a bem da preservação.

Integrou a Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural do Município, e ajudou na elaboração da Lei de Tombamento Municipal de Joinville (lei 1.773 de 18/12/1980) assinada pelo prefeito Luiz Henrique da Silveira.

O mais emblemático efeito prático da iniciativa da comissão foi o inventário das construções em enxaimel em Joinville, executado em 1983. O trabalho que uniu a Fundação Cultural, Fundação Catarinense de Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, Universidade de Santa Catarina (Udesc) e Fundação Educacional da Região de Joinville apontou 400 bens no município, metade deles no meio rural.

Numa época em que não existia o conceito de patrimônio e paisagem cultural, o conceito do bem intangível e da imaterialidade, foi pioneira em anotar saberes e fazeres.

Deixou vasta pesquisa sobre os usos e costumes da Joinville do século 19, assim como um livro sobre as casas enxaimel, um minucioso inventário dos exemplares da zona urbana e rural.

Faleceu aos 95, em 24 de junho de 1995 em Joinville. Era filha do casal João Krisch, de descendência austríaca, e Marie Muller, imigrante alemã, Hilda nasceu em 6 de março de 1900, tinha duas irmãs mais velhas, Ema e Else.

Cresceu em um ambiente sob forte influência das inovações do início do século 20, período de mudanças tecnológicas, políticas e sociais decorrentes de conquistas como a lâmpada, o automóvel e o telefone, do final do século anterior.

Via o pai, possuidor de conhecimentos rudimentares de medicina, dar assistência médica em emergências na área rural do município. Assim, após seus primeiros estudos e ensino complementar, foi estagiário na Casa de Saúde Dona Helena.

Seguiu depois para São Paulo e fez o curso de enfermagem oferecido pelo Hospital Samaritano (1927-1930) e, em seguida, especialização na Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro. Seu desempenho foi reconhecido pela Fundação Rockefeller, que lhe ofereceu uma bolsa de estudos nos EUA onde estudou por vários anos. De volta ao Brasil, presidiu a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED), de 1938 a 1941. Encerrado seu mandato na entidade, ajudou a organizar o Hospital das Clínicas de São Paulo.



Nos anos 1950, voltou aos EUA, desta vez pela Organização Mundial da Saúde. Em cinco meses estagiou em Baltimore, Rochester, Santa Fé (Novo México) e Atlanta (Georgia).

Ao concluir essa nova fase de estudos no exterior, em 1955 Hilda volta definitivamente para o Brasil e se instala na sua cidade natal. Nessa época contratou um arquiteto para projetar e construir sua casa em Joinville, situada na rua Lages.

Com a aposentadoria do trabalho como enfermeira, inicia a atividade como “ativista” do Patrimônio Cultural de Joinville. Durante 30 anos interessou-se por esta nova atividade com o mesmo entusiasmo que dedicou à enfermagem. Para ela, o segredo de tanta vitalidade era ter entusiasmo pela vida.

Na década de 1980, nas instâncias da cultura, seja estadual ou federal, era comum menções a Hilda Krisch, Carlos Schneider, Helga Schmidt, Edith Wetzel, Margarida Schultz, entre outros. Eram nomes que apareciam em correspondências, em conversas, em texto e pesquisas. Eram ativistas do patrimônio que, partindo de Joinville, serviam de exemplo para o Estado e o país.

É sobre garantir que o trabalho, a dedicação desse núcleo de pessoas extremamente relevantes e muito engajado na defesa do patrimônio local, que tanto contribui para a história de Joinville e de Santa Catarina, não permaneça no esquecimento que surge o projeto “Hilda Anna Krisch e a salvaguarda do patrimônio e da paisagem cultural em Joinville”.



DOLORES CAROLINA TOMASELLI,

historiadora, especialista em gestão de acervos e patrimônio.



“Hilda Anna Krisch und der Schutz des Erbes und der Kulturlandschaft in Joinville”

Es sollte nicht notwendig sein, alle daran erinnern zu müssen, es ist jedoch unbedingt erforderlich, das Werk von Frau Krisch zu retten, da es im Laufe der Jahre zum Schweigen gebracht worden und in Vergessenheit geraten ist.

Wie viele kommen am Einwandererfriedhof vorbei und genießen die Anlage, ohne zu wissen, daß dieses Erbe nur dank ihres Engagement für die Umwandlung der Anlage in ein denkmalgeschütztes Vermögen zu erhaltenen, welches in die Gemeinschaft als integriertes Erbe existiert.

Was können wir über das Nationalmuseum für Einwanderung und Kolonisation sagen, das seit seiner Gründung die Postkarte, das Wohnzimmer von Joinville und eine Referenz für die Geschichte der Einwanderung im Süden Brasiliens ist? Das Gleiche gilt auch für die Tiburcius-Sammlung und die Gründung des Archäologischen Museums Sambaqui, oder auch des Historischen Archivs und der Suche nach der Kolonie-Zeitung-Sammlung. Auch die Kaiserpalmen, entlang der Brüstlein Allee, erregten ihre Aufmerksamkeit, da sie immer darauf bestand, Ersatzsämlinge dazu bereit zu haben.

Ihre Schreibmaschine, ihre Brille, ihre Lupe, ihre Führungsqualitäten und ihre Konsistenz in ihrer Rede zur Bewahrung der Vergangenheit, sind verantwortlich für das, was uns heute in Joinville an Erinnerung erhalten bleibt.

Zu einer Zeit, als das Konzept von Erbe und Kulturlandschaft, das Konzept von immateriellen Vermögenswerten und Immaterialität noch nicht gab, war sie eine Pionierin bei der Niederschrift von dem Wissen und des in Praxis umzusetzenden. Sie hinterließ umfangreiche Forschungen über den Sitten und Bräuchen der Joinville des 19. Jahrhunderts, sowie ein Buch über Fachwerkhäuser, mit einer detaillierten Bestandsaufnahme von Beispielen aus der Stadt und des Landes.

Ich hatte nicht das Vergnügen, sie kennenzulernen, aber ich hatte das Privileg, mit ihrer Sammlung zu arbeiten, die sie und ihre Begleiter gesammelt und den künftigen Generationen zur Verfügung gestellt haben.

In den 1980er Jahren, jedes Mal, wenn ich mich im Historischen und Geographischen Institut oder bei der Kulturstiftung von Santa Catarina befand, hörte ich häufig Erwähnungen über Hilda Krisch, Carlos Schneider, Helga Schmidt, Edith Wetzel, Margarida Schultz, u.a. Ihre Namen tauchten in Korrespondenzen, Gesprächen, Texten und Suchanfragen auf. Es waren Aktivisten des Kulturerbes, die, von Joinville aus, dem Staat als Vorbild dienten.

Der Architekt Dalmo Vieira Filho, die größte Autorität im Gebiet des historischen Erbes in Santa Catarina, betont mit Nachdruck: „Es handelte sich um eine Gruppe äußerst relevanter Menschen, die sich sehr für die Verteidigung des lokalen Erbes einsetzten.“ Und um sicherzustellen, daß diese Arbeit, dieses Engagement, das so viel zur Geschichte von Joinville beiträgt, nicht in Vergessenheit gerät, haben wir das Projekt: „Hilda Anna Krisch und die Bewahrung des Erbes und der Kulturlandschaft in Joinville“ vorgeschlagen.

DOLORES CAROLINA TOMASELLI,

Historikerin, Spezialistin für Sammlungen und Denkmalpflege.
(Übersetzerin: MSc. Helena Remina Richlin)



„Bereits in den 1970er Jahren hatte Hilda Krisch schon eine Vision vom Erbe und Kulturlandschaft, sowie zum Thema Immaterialität. Ihre Sicht auf historische Quellen ging darum, Informationen für die künftigen Generationen verfügbar zu machen. Ein Beispiel davon ist der Einwandererfriedhof, der auf Grund der Sterbeurkunden der lutherischen Kirche eine Bestattungsliste erstellte, die bis heute eine Quelle für Forschung und Beratung ist.“

Dietlinde Clara Rothert, Historikerin, Präsidentin der Vereinigung des Observatoriums für historisches Kulturerbe (OPAH)

„Im März 1962 erwarben wir das Eigentum, das bereits der Familie meiner Frau gehörte, und begannen dort zu wohnen. Es war uns bewusst, daß wir in einem Eigentum von historischem Wert lebten. Anfang der 1980er Jahre wandte sich Herr Telmo Pahl an uns und teilte uns mit, daß es unter der Führung von Frau Hilda Krisch eine Bewegung gäbe, die das Rathaus dazu auffordern sollte, dieses Haus zu erwerben, um dort eine Kulturabteilung einzurichten; so kam es, dass der z. Z. Bürgermeister Wittich Freitag, im Dezember 1983, das Haus für die Gemeinde erwarb. Für mich ist es eine Freude, einen Beitrag zu dieser Rettungsarbeit des Erbes zu leisten, was von Frau Krisch z. Z. geführt wurde.“

Hilário Wolfram, Wirtschaftswissenschaftler, Unternehmer, letzter Bewohner des heutigen Haus der Erinnerung [Casa da Memória].

„Das größte Ergebnis der Arbeit von Frau Krisch war der Erfolg. In einer Zeit, in der bestimmte Konzepte des historischen Erbes noch nicht gefestigt waren und sich die Idee der Erhaltung auf Denkmäler konzentrierte, identifizierte sie die Fachwerkhäuser als ein authentischer Bezug auf das Einwanderungsgebiet. Dank ihrer Arbeit, konnten die bescheidenen Fachwerkhäuser erhalten bleiben und heute ein Hinweis auf unser kulturelles Erbe sein.“

Marcel Virmond Vieira, Architekt, Stadtplaner, Sekretär für Forschung und Stadtplanung (Sepur) des Rathauses von Joinville.

„Die Entfernung von Joinville war der Antrieb für ihre Erhaltungsarbeit. Sie kehrte mit einer kosmopolitischen Vision zurück, die Vision derer, die die Welt gesehen und die Welt verstanden hatten. Sie kam wieder und erkannte die Notwendigkeit unser Erbe zu bewahren. Wenn wir uns alles ansehen, was Frau Hilda Krisch getan hat, ist es sehr schwer zu verstehen, warum ihr Name in der Geschichte von Joinville keine gemeinsame Referenz ist.“

Carlos Aduato Vieira, ehemaliger Präsident der Kulturstiftung von Joinville und Ehrenpräsident des Deutschen Kulturverein zu Joinville

„Als Kind besuchte ich manchmal Frau Hilda's Haus. Ihre Bibliothek hatte einen Duft, eine Energie ... Es war eine Umgebung, die uns in ein Universum entführte, welches sie so gut kannte. Die Essenz der Joinvilenser-Seele war in dieser Frau geprägt.“

Edson Busch Machado, ehemaliger Präsident der Catarinenser-Kulturstiftung von Santa Catarina und Präsident des Internationalen Institut Juarez Machado

„Hilda Krisch und die anderen Mitglieder der Spezialkommission des Nationalmuseums bildeten eine kleine Gruppe, der die Stadt das kulturelle Gedächtnis verdankt, das in Joinville noch vorhanden ist.“

Moacir Thomazi, Unternehmer und ehemaliger Präsident der Kulturstiftung von Joinville

„Frau Krisch war Teil eines einzigartigen Moments der Geschichte von Joinville: Das Projekt der Colonie Dona Francisca war gerade ein Jahrhundert alt geworden und dessen Erfolg war bereits unbestreitbar. Eine besondere Gruppe von Bewohnern der Stadt feierte nicht nur die Leistungen der Pioniere und Kolonisatoren im Allgemeinen, sondern sie vertieften historische Inhalte, stellten Dokumente wieder her, schätzten ihr kulturelles Erbe, schufen eine ganze Reihe symbolischer Elemente und legten die Grundlagen, die die einzigartige Geschichte von Joinville und seinen Menschen veranschaulicht machen sollte, damit alle zukünftigen Generationen sie greifbar vor sich haben.“

Dalmo Vieira Filho, Architekt, ehemaliger Direktor des Institut für nationales, historisches und künstlerisches Erbe (Iphan)

"HILDA ANNA KRICH E A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO E DA PAISAGEM CULTURAL EM JOINVILLE"

Projeto selecionado pelo Edital Paulo Gustavo – Demais áreas, edição 2023, executado com recursos do Governo Federal por meio do Ministério da Cultura. Apoio do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA Joinville).

- Proposição e pesquisa: Dolores Carolina Tomaselli
- Textos: Lorení Franck
- Versão: Helena Remina Richlin
- Designer e redes sociais: Paulo Roberto de Oliveira

AGRADECIMENTO ESPECIAL:

- Hospital Dona Helena, fiel depositário do acervo pessoal de fotos e documentos de Hilda Anna Krich.
- Andre Schneider Dietzold, responsável pelo acervo documental da Comissão do Museu Nacional

APOIO

- Apoio: Cultura Alemã de Joinville
- Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA)
- Secretaria de Cultura e Turismo de Joinville - Secult





Hilda Anna Krioch

E A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO E
DA PAISAGEM CULTURAL EM JOINVILLE

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Apoio

ICBA



Instituto
Cultural
Brasil-Alemanha